

Uma Investigação Cultural Sobre O Natal Luz De Gramado

A Cultural Investigation On Gramado's Natal Luz

Enviado em: 06/04/2020

Aceito em: 04/06/2021

Robinson Henrique Scholz¹

Resumo

No contexto contemporâneo, estudos emanam reflexões relacionando aspectos culturais, históricos e econômicos, imbricados na perspectiva da viabilidade socioeconômica das festas culturais. A heterogeneidade cultural faz com que haja uma mescla de valores e práticas culturais, tornando imperceptível uma cultura pura, única e particular. Este estudo tem como fio condutor a compreensão sobre o evento Natal Luz, realizado na cidade de Gramado/RS, analisando como as culturas estão cada vez mais *contaminadas* por culturas exógenas, provocadas pelo turismo. O estudo etnográfico aponta para a compreensão do hibridismo cultural presente nas cidades no início do século XXI, condutor da produção de sociabilidades e mecanismos de identificação da cultura, com vistas à potencialização do seu caráter de base e precondição das trocas simbólicas e econômicas.

Palavras-chave: Festa; Cultura; Natal.

Abstract

Nowadays, many studies have been presenting conclusions relating cultural, historical and economical aspects linked to the socio-economical viability perspective of cultural festivals. Cultural heterogeneity provides a mixture of values and cultural practices, raising the issue of the impossibility of a pure, unique and particular culture. This study aims to comprehend “Natal Luz” [Christmas Lights] festival, held in Gramado (Rio Grande do Sul, Brazil), and it also analyzes how cultures are getting more and more influenced by hexogen cultures because of the tourism phenomenon. The ethnographic analysis points out to the understanding of cultural hybridism that occurs in the cities in the beginning of the 21st century, which caused the production of sociabilities and culture identification mechanisms to improve its basic provide conditions to economical and symbolical exchanges.

Key words: Festivals; Culture; Christmas.

¹ Doutor em Ciências Sociais; Mestre em Ciências Sociais; Bacharel em Administração.
robinson.scholz@gmail.com

Introdução

Dia 29 de dezembro de 2019, domingo. São vinte horas e quarenta e cinco minutos, temperatura a 20 graus na cidade de Gramado, localizada a 115 quilômetros de distância da capital Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. A Avenida Borges de Medeiros, principal avenida da cidade está tomada por turistas. São inúmeras pessoas que circulam pelas ruas da cidade, lojas abertas, carros transitando, estacionamento inexistente na avenida neste horário. A escuridão reina na avenida. Vozes perguntam: o que houve? Por que está tudo escuro? As lojas estão com as luzes acessas, e a avenida central não. O que aconteceu? Esta é uma pergunta inquietante que perpassa a todos os turistas que passeiam pela avenida.

Mais a frente, no cruzamento com a Avenida das Hortênsias, uma enorme e esplendorosa árvore de natal reina sobre a rotatória entre as duas avenidas. São vinte e uma horas e, nesta mesma árvore, ascendem-se luzes piscantes, atraindo os olhares curiosos dos visitantes que invadem as ruas, calçadas e a praça da cidade. Mais luzes começam a ascender na árvore gigantesca, feixes de luzes surgem por debaixo da árvore, canções de natal começam a ser ouvidas pelas ruas e, como num coro único de deslumbramento e emoção, ouve-se: Ohhhh! São as luzes da avenida, dos pinheirinhos de natal, de toda a decoração que compõe o Natal Luz de Gramado iluminando a noite estrelada do verão serrano gaúcho. São pessoas de todas as idades, desde bebês de colo aos mais idosos; pessoas portadoras de necessidades especiais; famílias inteiras que trazem juntamente o seu animal de estimação; e todas querem admirar o que a cidade tem para oferecer durante este evento e registrar os momentos que ali vivenciam.

Flashes fotográficos dão um brilho adicional à cidade, todos querendo registrar cada momento. Máquinas fotográficas, celulares, filmadoras, vale tudo para levar uma imagem como lembrança. No meio da multidão, uma senhora pede auxílio a um policial da Brigada Militar. Ela perdeu o seu carro. Sim, perdeu. Ela não conhece a cidade, estacionou o carro em uma rua e não sabe mais ir ao encontro do automóvel. Eu quero uma pipoca! Exclama a menina de cabelos cacheados,

aparentemente com quatro anos e um característico sotaque nordestino. A Pipoca do Kauê, estrategicamente situada em frente ao local do Grande Desfile de Natal, atrai o olfato de muitas pessoas fazendo com que a fila para comprar as pipocas seja extensa. Aproximadamente 30 pessoas na fila. Crianças cansadas choram por ter que esperar para comprar e os pais estão mais preocupados em apreciar a beleza das luzes, cujas máquinas fotográficas não param de funcionar. E a senhora de cabelos brancos e pele morena, em torno de meio metro de altura, toda encasacada demonstrando sentir frio, aguardava sorridente e com olhos brilhantes a pipoca desejada e o início do desfile.

A descrição acima serve para orientar a análise situacional sobre evento turístico do Natal Luz de Gramado. Conforme Agier (2001, p. 12), “a complexidade crescente das realidades locais torna mais necessária do que nunca a abordagem situacional como um instrumento de compreensão das lógicas observadas diretamente”. Sob este prisma, este texto tem como fio condutor a compreensão da cultura deste evento, através da perspectiva antropológica, tendo como base teórica os conceitos de Marshall Sahlins, Louis Dumont, Clifford Geertz e Gilberto Velho desenvolvidos na primeira seção deste texto.

Na segunda seção, para que se tenha um exemplo compreensivo de uma realidade social, apresento o histórico e os espetáculos que compõe o Natal Luz de Gramado, os quais servem de base para a terceira seção que almeja realizar um ensaio analítico crítico sobre como se dá a cultura neste evento cultural. Os dados foram coletados por meio de idas à campo para vivenciar os eventos do Natal Luz, entrevistas com os turistas e moradores locais, observação direta das relações sociais e culturais da cidade, bem como fontes teóricas, documentais e reportagens para o embasamento deste *paper*.

Cultura: algumas concepções teóricas

Nesta seção proponho uma discussão antropológica sobre a cultura, seus processos de criação, continuidade e por não dizer, enfermidade. Muito se discute sobre o tema no campo das ciências humanas, objetivando resgatar os

acontecimentos culturais de um dado grupo social ou de uma sociedade, que retratam nas suas relações interpessoais, mitos, ritos e valores na formação de sua cultura.

Sahlins (2004, p. 301), em seus estudos sobre a cultura, promulga no seu texto “Experiência Individual e Ordem Cultural” o problema do “determinismo cultural, ou da relação entre a ação individual e a ordem cultural”. Ele propõe uma reflexão sobre “as implicações do interesse atual pelo simbolismo e pelo estruturalismo para a idéia convencional de que a cultura é *sui generis* – um objeto dito superorgânico, independente dos sujeitos humanos que o atualizam” (p. 301). Esta transposição que o determinismo cultural subjuga, responde aos processos de aculturação percebidos em quase todo o mundo gerados por variados fatores, tendo como, por exemplo, a globalização. Sahlins (2004, p. 302) contribui nas suas análises parafraseando Hocart: “a utilidade domina o estudo da cultura, porque domina a cultura que estuda”.

Falo aqui de globalização porque parto do princípio elaborado por Gilberto Velho (1994, p. 38-39), que sintetiza que as fronteiras entre os Estados-Nações são cruzadas de todos os modos por relações de poder e culturais em quaisquer níveis. Não se trata de dizer que os Estados-Nações são anacrônicos e que sua existência seja contraditória com a globalização do mundo moderno. São níveis de realidade e fenômenos relacionados, mas com códigos e lógicas específicos. Inegavelmente existe tensão e conflito entre esses níveis coexistentes, reforçando mais uma característica de complexidade.

Não obstante, para se falar de cultura, faz-se necessário falar de um dos primeiros autores a pensar o tema: Clyde Kluckhohn. No seu livro *Mirror for Man* ele conceitua a cultura em cerca de vinte e sete páginas, definindo como (GEERTZ, 1973, p. 14):

1) o modo de vida global de um povo; 2) o legado social que o indivíduo adquire do seu grupo; 3) uma forma de pensar, sentir e acreditar; 4) uma abstração do comportamento; 5) uma teoria elaborada pelo antropólogo, sobre a forma pela qual um grupo de pessoas se comporta realmente; 6) um celeiro de aprendizagem em comum; 7) um conjunto de orientações padronizadas para os problemas recorrentes; 8) comportamento aprendido em comum; 9) um mecanismo para a regulamentação normativa do comportamento; 10) um conjunto de técnicas para se ajustar tanto ao ambiente externo como em relação aos outros homens; 11) um precipitado da história.

Esta interpretação de cultura tem a ver diretamente com o conceito de homem, centro de observação e análise, promotor da cultura e sua difusão (ou disseminação). A cultura está diretamente ligada à teia de significados criados e assumidos pelos homens e, portanto, cabe a ciência interpretar esta teia de significações estabelecidas e explicar, através da etnografia, uma dada realidade cultural (GEERTZ, 1973). Através da produção das ações em sociedade, estas são percebidas e interpretadas pelo cientista, no qual os atos produzidos adquirem significados. Estes signos, depois de interpretados pela observação, pelo registro e a densa descrição exigidas pela etnografia, dão corpo à cultura do objeto de análise investigado.

A heterogeneidade cultural vivida na sociedade moderna faz com que haja uma mescla de valores e práticas culturais, onde não se percebe mais uma cultura pura, única e particular, que não tenha sofrido uma influência externa. Esta exposição dos indivíduos promovida pela atual globalização promove a existência de uma mobilidade material e simbólica sem precedentes em sua escala e extensão.

A sobrevivência de uma cultura tradicional, dotada de valores próprios, merece respeitar uma hierarquia de condutas e ações culturais perante as influências de outras culturas, fazendo com que a sua própria se sobressaia sobre as outras que a perpassam. Desta forma, a hierarquia torna-se um poderoso mecanismo atuante sobre a vida social (DUMONT, 1992, p. 133-134). Segundo a perspectiva clássica de Radcliffe-Brown, a cultura ou o costume era uma consideração secundária, simples meio ideológico, e historicamente contingente, de manutenção do sistema social.

Assim, dentro desta hierarquia previamente defendida, pode-se pensar sobre o perfil do turista que visita uma cidade turística, como o exemplo deste texto. O turista que dispõe de tempo livre, ao olhar a outra cultura, vivenciar e interpretar seus ritos, mitos e valores, denota no sentido de estranhamento ao diferente. O distanciamento produzido pelo turismo, no entanto, não acontece apenas em relação ao outro, mas também ao seu próprio passado (SILVA, 2014). O distanciamento temporal opera do mesmo modo que o distanciamento cultural e simbólico, estabelecendo diferenças e reforçando contrastes. O que é evocado também é

idealizado, fazendo desenhar-se diante dos olhos a imagem de um mundo que se recompõe com os fragmentos positivos de sua própria biografia.

Dumazedier (1976) aponta que o tempo livre é, em primeiro lugar, uma não-obrigação, e o lazer é um conjunto de atividades a que o indivíduo pode entregar-se com pleno consentimento, seja para descansar, para divertir-se, para desenvolver sua participação social voluntária ou sua informação de maneira desinteressada, depois de haver liberado todas as suas obrigações profissionais, familiares ou sociais. De Masi (2000), também teoriza a respeito do tempo livre em oposição ao tempo de trabalho. Entretanto, pode-se dizer que, nenhum tempo é realmente livre de pressões sociais. Portanto, dispor do tempo livre ou do tempo disponível para a prática da religiosidade, do lazer, e do turismo implica numa escolha pessoal do indivíduo.

A acessibilidade socioeconômica que o turismo proporciona, tais como os parcelamentos de viagens, hospedagens, alimentação e compras em geral, facilitadas por pequenas parcelas mensais, vislumbra as ações pós-modernas, onde prevalece o consumo de bens e serviços que satisfaçam as suas necessidades, aqui e agora (MARTINS, 2018). Nesta perspectiva, as culturas estão cada vez mais *contaminadas* por culturas exógenas. Segundo Velho (1994, p. 39) “o modo de falar, o sotaque, as gírias e vocábulos regionais eram uma das marcas de diferenciação. As festas, procissões e associações dramatizavam o jogo de identidades naquelas circunstâncias”. Estes signos, hoje, não refletem mais, consideravelmente, uma cultura local. Ela está mesclada, em todas as partes, pelos turistas, por aqueles que viajam a negócios, por pessoas que resolvem mudar de vida investindo suas forças e economias em outro território desconhecido, onde muitas vezes estão à mercê do destino e das oportunidades de ascensão.

Refletindo sobre a mudança cultural, a percepção do eu num contexto estranho pode ser demonstrado por George Herbert Mead, onde ele teoriza que o “[...] eu se torna conhecido como objeto ao assumir a atitude de outro em relação aos atos ou gestos do sujeito – uma identificação com o outro que é a única a permitir a reflexão sobre o eu, e para a qual a linguagem é indispensável” (SAHLINS, 2004, p. 308). Assim o emigrante percebe a cultura nova a ser assimilada e identifica os valores, símbolos, signos e linguagem que terá de

aprender, mesclando com a sua bagagem cultural trazida consigo, sendo um ser plural culturalmente.

Estas diferenças culturais provocam a emissão de mensagens e valores importantes de serem analisados, principalmente referentes aos níveis de hierarquia cultural exigidos por uma sociedade. A população receptora de um estrangeiro é quem determina o que, como, quando e onde este estrangeiro pode atuar e se manifestar. A cultura local exerce coerção sobre o indivíduo estrangeiro no sentido de que ele compreenda os significados e a estrutura cultural à qual está sendo introduzido, ou que se quer ingressar. Os costumes e os valores da bagagem cultural trazida pelo indivíduo ficam em segundo plano, podendo gradativamente ser introduzidas no seu novo espaço territorial de convívio, ocorrendo assim, uma pluralidade cultural, marcada por diferentes bases valorativas (DUPAS, 2001).

Pensar a cultura como uma estrutura-hierarquia já dada, onde o que prevalece são os valores, as normas e os costumes reproduzidos pela tradição, pode ser um empecilho para as culturas contemporâneas, as quais estão cada vez mais caracterizadas pelas diferenças culturais, marcadas pelas formas de apresentação, vestuário e discurso dos indivíduos em relação. Gilberto Velho destaca nos seus estudos que as diferenças são assinaladas por um “*ethos* dominante caracterizado por uma valorização do individualismo da diferença, qualitativo, com um esforço deliberado na construção de um estilo original” (1994, p. 42). A luz das teorias de Dumont sobre as hierarquias culturais, encontra-se aqui uma contradição em relação ao o que está exposto acima. Contudo, Gilberto Velho explica que não há uma sociedade pura, simples e homogênea. Existe sim uma “interação das diferenças, com a conhecida problemática antropológica da troca e da reciprocidade. O que está em jogo, constantemente, é a unidade social com que se trabalha” (1994, p. 44). Desta forma, cada campo, no sentido de Bourdieu (2007), será uma prática interpretativa de como a cultura se desenvolve e se legitima.

Como exemplo, lógicas contemporâneas que emergem em determinadas situações, dando aos eventos diferentes configurações e sentidos, de modo que, pode-se ver surgir no campo do turismo uma estrutura turística de significados, linguagens e valores que acaba encompassando, mesmo que inconscientemente, uma tradição religiosa (como o natal, no caso deste texto), produzindo outro evento,

a cultura do lazer. Pode-se articular este exemplo do turismo com o que Velho (1994, p. 44) salienta sobre “a multiplicação e a fragmentação de domínios, associadas a variáveis econômicas, políticas, sociológicas e simbólicas, constituem um mundo de indivíduos cuja identidade é colocada permanentemente em cheque e sujeita a alterações drásticas”. Os sujeitos nas sociedades complexas estão constantemente desenvolvendo estratégias racionais para adaptarem-se às circunstâncias culturais de mudança, própria da contemporaneidade. Essa contaminação cultural faz com que em muitas vezes não se perceba mais a própria cultura, tradicional e local de uma dada região espacial. Para tanto, lidar com aspectos culturais diferentes da realidade é estabelecer recortes próprios nas suas visões de mundo (VELHO, 1994).

Com base nos estudos de Godelier (1974) sobre populações primitivas, pode-se pensar a hierarquia de uma linguagem local um resultado da combinação de 03 elementos: 1) uma vantagem econômica; 2) o grau de desempenho dessa vantagem econômica perante seus vizinhos e 3) sua posição na rede de alianças externas. Como a linguagem é formadora de cultura, este entendimento pode ser atribuído e aplicado para as cidades turísticas bem-sucedidas e com bons níveis de educação, trabalho e emprego, como o caso aqui investigado, cujos três elementos estão muito bem combinados e administrados, fazendo com que o pólo turístico serrano gaúcho concentre-se em Gramado, apresentando vantagem competitiva e econômica perante as demais cidades que compõem a região (GEVEHR; VIDAL; NANDI, 2014). Outro dado interessante para a construção da cultura é o fato de que Gramado está muito bem articulada nos canais de comunicação, na política, e em diversas esferas sociais, sendo (re)conhecida por inúmeros turistas em contexto global.

A construção de uma cultura está diretamente ligada a “qualquer intenção considerada que pode corresponder a um conjunto indefinido de práticas culturais e vice-versa, uma vez que a intenção se liga à convenção por um esquema de significação relativo e contextual” (SAHLINS, 2004, p. 305). A intenção e a prática cultural têm significações diferentes de acordo com o contexto aplicado e, portanto, cabe sempre identificar em qual contexto analítico cultural está se querendo aportar.

Na próxima seção, apresento histórico do evento Natal Luz, os espetáculos que o compõe, que servirá de exemplo para se fazer um ensaio analítico cultural, com base nas teorizações apresentadas.

O Natal Luz de Gramado

Para a construção desta seção, parto inicialmente de uma breve contextualização histórica pertinente ao espetáculo do Natal Luz de Gramado, que nesta sua 33ª edição em 2019 contempla aproximadamente três meses de festividades na cidade. Pretendo não estender muito em relação a sua construção, mas sim, objetivo uma rápida percepção do que é o evento.

*No ciclo da magia, tudo o que se fala, se cria*². Este é o *slogan* norteador do espetáculo, empregado pela comissão de organização do evento, desde o ano de 1986, quando foi realizado o primeiro Natal Luz. Naquele ano, uma procissão de vozes levou consigo a vontade de transformar a cidade de Gramado. Uma transformação orquestrada e dirigida, foi a primeira apresentação deste evento: um concerto musical sob a batuta do mestre Eleazar de Carvalho, renomado maestro brasileiro, o qual atuou longamente como regente titular na Orquestra Sinfônica Brasileira, no Rio de Janeiro; como diretor artístico e regente da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo e fundador da cadeira número 32 da Academia Brasileira de Música.

No pavilhão da Igreja São Pedro o maestro regeu a orquestra e os corais que vieram de várias partes do Estado do Rio Grande do Sul. Numa perspectiva antropológica, este maestro torna-se um herói (mito de origem) para a população gramadense e protagonista do mito de origem do Natal Luz. A partir daí, o evento toma força e corpo como uma dos maiores eventos brasileiros na atualidade e durante estes anos, esta festa de magia escreve sua história dia-a-dia. São atrações variadas para o público visitante que encontram opções de compras, lazer, diversão, religiosidade, fé e, obviamente, filas quilométricas para a compra dos ingressos para

² Disponível em <http://www.natalluzdegramado.com.br/>.

os espetáculos, transtornos nas lojas e restaurantes lotados, irritação no trânsito congestionado, etc. Como toda a cidade modestamente pequena, por mais que se tenha uma infra-estrutura que potencialize a recepção de um grande público de visitantes – Gramado conta com um número aproximado de 150 hotéis e pousadas, com mais de 10 mil leitos, e 146 estabelecimentos gastronômicos – sempre há contratempos.

A produção do Natal Luz requer, além de um longo período de preparação, a produção é gigantesca, exigindo um exército de profissionais altamente qualificados e grandes investimentos de empresas de porte regional e nacional. São cerca de duas mil pessoas, entre engenheiros, arquitetos, decoradores, eletricitas, artistas, técnicos, etc. que são envolvidos diretamente, divididos em grupos de trabalho responsáveis pela construção e montagem de todo o evento e preparação da cidade para receber os turistas. Isto demonstra a grandiosidade do evento, um formato que transforma o sonho, o místico, o espiritual, em uma fábrica de emoções, perpassadas pelo sentido de desenvolvimento endógeno da cidade. Endógeno no sentido de que mais de 70% das pessoas que fazem o evento acontecer são moradores de Gramado.

Muitos turistas visitam Gramado para admirar a magia trazida pelo Natal e pelas belezas naturais oferecidas na região. São turistas vindos de todos os destinos nacionais e internacionais, lotam os hotéis e pousadas da cidade, como também há turistas que vem somente passar o dia na cidade ou para assistir a algum espetáculo e registrar imagens da cidade (LÜBECK, *et al*, 2016).

Conforme o Jornal de Gramado (28/12/2019), considerando o total de ingressos vendidos para os três espetáculos do evento, obteremos a soma total de 49.290 ingressos, mais os 500 ingressos adquiridos pela CVC em cada ocorrência dos espetáculos, teremos uma soma total de 60.290 pessoas pagantes no período de 16 de novembro a 15 de dezembro de 2007, considerando que sejam públicos distintos em cada espetáculo. Outro dado interessante é que conforme o Jornal de Gramado (28/12/2019), só no dia 22 de dezembro de 2019, no show *Nativitaten*, teve a participação de mais de 10 mil pessoas naquela noite.

Em contraponto, os dados do IBGE³ (2019), a cidade de Gramado possui 32.232 habitantes. Nestes 30 dias acima computados, a cidade recebeu duas vezes o número da sua população, considerando somente os pagantes.

A grandiosa heterogeneidade cultural presente durante este evento com a vinda de inúmeros indivíduos originados das mais variadas localidades faz com o que a cidade de Gramado tenha uma cultura plural, diferente da sua própria identidade cultural, vivenciada na sua essência. A cidade multiplica os encontros de indivíduos que trazem consigo seus pertencimentos étnicos, suas origens regionais ou suas redes de relações familiares ou extrafamiliares (DE AZAMBUJA; MECCA 2017).

Esta modificação da sua cultural local, influenciada de outras culturas, nota-se no evento do *Tannenbaumfest*, que já no nome tem influência alemã, é um evento de decoração de pinheirinhos de natal ao logo da Avenida Borges de Medeiros, criando um ritual presente em todos os eventos do Natal Luz. Este rito tem uma tradução que parte da cultura natalina e se transforma em um fetiche, visando ser uma atração turística na cidade, o que remete a manutenção da cidade pelo consumo e turismo e o culto à tradição, ficando em segundo plano. Nesta perspectiva, há uma plasticidade das crenças (AGIER, 2001, p. 13) em função das situações. Essas crenças, na vida real, não funcionam como um todo, mas em fragmentos, que colocadas em uma determinada situação, um homem escolhe, dentre as crenças, aquelas que lhe convêm, e as utiliza sem prestar a mínima atenção aos outros elementos, ao passo que pode ocorrer-lhe se servir destes em situações diferentes. Desta forma, o sentido simbólico dado ao pinheiro perde seu real sentido, sobressaltando o interesse estético, decorativo – turístico, o consumo.

Com o público crescente, o Natal Luz também evolui. Junto ao Lago Joaquina Rita Bier surge outro espetáculo, cujo público vislumbra a visão do que realmente significa o Natal: *Luz, no coração*⁴. *Nativitaten* reconta a origem do Natal, desde a criação do mundo, passando pela perdição da humanidade em pecados e finalizando com a grandiosidade da Salvação e o nascimento do Menino Jesus.

³ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/gramado/panorama>.

⁴ Fala de um turista durante o espetáculo *Nativitaten*, no dia 17/12/19.

Cantores líricos e tenores acompanhados de som, luzes, fogos de artifício, fogo e águas dançantes.

A *Fantástica Fábrica de Natal* em meio às hortênsias da Carriéri, no Lago Negro, mistura: o sonho de uma criança, música, dança e o Papai Noel de verdade descendo pela chaminé e seu trenó toma o céu da cidade construída no lúdico palco.

O *Grande Desfile de Natal* tem a tão esperada presença do Papai Noel, fazendo sua abertura triunfal e invocando o espírito natalino. Os principais personagens do natal acompanham o bom velhinho num cortejo grandioso de muita alegria e emoção. Bonecos gigantes, borboletas, gnomos, patinadores e ajudantes de Papai Noel desfilam na Avenida das Hortênsias, que se transforma num palco de emoções. O desfile é coroado pela neve que cai sobre a avenida, contagiando o público e no final, fogos de artifícios iluminam o céu da cidade.

Ao caminhar pelas ruas da cidade, nas proximidades da Igreja Matriz, ao anoitecer, ouve-se um coral. É a *Árvore Cantante*, uma árvore viva, onde as músicas e temas natalinos são interpretados por corais do Rio Grande do Sul.

Continuando com as atrações do evento, há *As Janelas de Advento*, montado em frente à Igreja São Pedro, cujo evento surgiu de uma tradição nascida na Alemanha, onde as pessoas abriam as janelas de suas casas, no domingo que antecedia o natal.

Esta interface de se objetivar um evento turístico, que vincula a cultura tradicional com o novo e o imaginário, cria uma nova versão sobre a cultura tradicional, que conforme Agier (2001, p. 19):

[...] a própria criação cultural é tomada por uma tensão do mesmo tipo: ela consiste em colocar em relação, por um lado, imaginários locais que devem sempre acomodar a densidade dos lugares, de suas sociabilidades, de suas memórias, e, por outro, as técnicas, os conjuntos de imagens e os discursos da rede global que, por sua vez, circulam praticamente sem obstáculo, despojados de todo enraizamento histórico.

Na seção a seguir, apresento algumas considerações sobre a formação da cultura, articulando turismo, lazer e cultura, com base na análise do Natal Luz.

Reflexões

Além de estabelecer a apresentação de um evento turístico com vistas a uma análise situacional sobre a cultura, esse texto vincula o lazer e ao entretenimento que são fundamentais para o desenvolvimento pleno das pessoas, como elemento indispensável para maior compreensão do mundo e estabelecimento de relações sociais. Nesta seção apresento reflexões críticas sobre a cultura com base na análise situacional apresentada.

Analiso que as atividades de lazer propiciadas pelo turismo, através de festas, eventos e espetáculos, fazem parte das culturas populares, caracterizando o aspecto folclórico ligado a tradições locais e exógenas, no caso de Gramado, onde se observa que a neve está presente em dois espetáculos, Fantástica Fábrica de Natal e o Grande Desfile de Natal. Contudo não há neve no Brasil na época do natal, cultura esta vinda de países do hemisfério norte. Além disto, a mescla de músicas natalinas brasileiras, inglesas, alemãs e italianas demonstra a pluralidade cultural do evento, onde não há uma determinada cultura dominante para demonstrar o espírito do natal, mas sim a construção social das diferenças culturais. Através da realização desses espetáculos e da participação dos turistas neles, existe uma possibilidade real de ruptura no cotidiano dos turistas, que encontram nas festividades do natal uma forma de divertimento.

Também compreendo que os turistas, ao efetuarem o turismo de lazer, encontram, no divertimento proporcionado pela viagem, satisfações que vão ao encontro da sua necessidade de descanso e de ruptura com o cotidiano, estabelecendo, também, significativa possibilidade de um contato familiar e social. Com isso, pode-se dizer que a prática do lazer proporcionada pelo turismo faz parte dos lazeres familiares ligados as festividades natalinas aqui observadas neste texto.

Em suma, as viagens de turismo de lazer incluem-se no conceito de turismo cultural, tendo em vista que, como qualquer viajante dos outros destinos turísticos, os turistas são consumidores de bens e serviços. Assim, o fato de o turismo proporcionar prazer, lazer e entretenimento aos turistas, ainda que de forma

diferenciada dos demais tipos de viagens, é responsável pela mobilidade de verdadeiras multidões que se encontram unidas para a obtenção de lazer.

Percebo que durante a realização do Natal Luz, a cidade toda modifica os seus hábitos tradicionais, tais como horários de trabalho, de lazer e toda a sua rotina. Os gramadenses pouco dispõem de tempo para visitar os seus amigos e familiares, bem como de praticar atividades de lazer, de ir ao cinema, viajar, ou simplesmente curtir o seu descanso. Para contribuir com esta minha análise, trago o trecho da fala de um dos moradores da cidade, que diz: *Nesta época de alta temporada, a gente não tem nem tempo para respirar! Temos que trabalhar para dar conta de atender aos turistas. Natal e reveillon, a gente nem sabe o que é isso!*⁵ A cultura da cidade se modifica, a sua estrutura cultural alterna-se no período do Natal Luz, objetivando o turismo, o bom atendimento ao visitante que, na medida do possível, como já abordado no texto, as capacidades de acolhimento são limitadas, o que gera um considerável fluxo intensivo de pessoas nas lojas, supermercados, bancos, hotéis, restaurantes e ruas da cidade. O próprio habitante da cidade dá espaço ao turista, no sentido de privar-se de ir ao trabalho de carro, optando em ir a pé ou com carona de amigos, desafogando os poucos espaços de estacionamento veicular existentes pelas ruas da cidade, além de apresentar um grau de descontentamento perante a sua tradicional forma de vida cotidiana.

Outro detalhe importante de se observar é referente à cultura educacional da cidade. Parto da fala de um turista pernambucano que disse: *Achei interessante a educação dos condutores de veículos que param os carros para que se possa atravessar a rua. Na minha cidade, não tem isso, não!*⁶ Esta preocupação em bem atender ao público visitante já é desenvolvida nas escolas da cidade, educando a sua população, desde criança, para o turismo, atribuindo uma cultura estrutural da própria cidade. Além disto, quem chega à Gramado no intuito de fixar residência, percebe a diferença no sentido educacional e cultural, que engloba os costumes praticados no que diz respeito ao trânsito, à preservação ambiental, às rotinas de trabalho diferenciadas, pois se trabalha nos finais de semana e folga-se nos dias de semana, principalmente as atividades ligadas ao turismo. Esta é uma visível

⁵ Para garantir a integridade do informante, prefiro não divulgar a sua identidade.

⁶ Para garantir a integridade do informante, prefiro não divulgar a sua identidade.

hierarquia cultural que está dada, mediante ao fator econômico prevalecendo sobre o social. Quem não se adapta a esta forma cultural de viver na cidade de Gramado, sofre o risco de não conseguir ser bem-sucedido profissionalmente e economicamente, mesmo sendo atividades secundárias, que não estão diretamente ligadas ao turismo, mas que depende dele para terem trabalho, como o caso de muitos profissionais de área de informática, que fazem manutenção de computadores em lojas, restaurantes e hotéis da cidade.

O Natal Luz, por ser um evento de grande porte e duração aproximada de dois meses, bem como outros eventos turísticos que ocorrem na cidade, tendem a receber influência de muitas culturas, como o caso de que há alguns anos atrás não existia em Gramado um restaurante de comida japonesa. Pelo grande público de japoneses e asiáticos que freqüentam a cidade e solicitam tais pratos, hoje existem 02 restaurantes especializados em comida japonesa. Esta é uma forte percepção de que a cultura é influenciada pela população externa, onde a estrutura cultural da cidade dá espaço à cultura individual e particular de uma respectiva identidade, como no caso a japonesa.

O fetichismo que o turismo promulga é surpreendente no que diz respeito a imagem simbólica do natal. A tradição religiosa cristã referente a data do dia 25 de dezembro, cuja celebração do nascimento de Cristo, perde seu sentido primário, sendo apenas simbolizado em um carro alegórico que reproduz um pequeno presépio estilizado, como se fosse apenas um mero detalhe em meio ao grande número de atrações que o Grande Desfile de Natal trás. O verdadeiro sentido do natal é voltado para o consumo, para a produção de bens e serviços que possam gerar divisas financeiras para a cidade, bem como propiciar o seu desenvolvimento.

Outro dado interessante é a valorização da cultura estrangeira, representada aqui na valorização de um evento que ocorre nos quatro domingos que antecedem o natal: As Janelas de Advento. Esta tradição cultural é de origem alemã e celebrada em Gramado. Evidentemente são reflexos culturais oriundos da colonização alemã na cidade. Além disto, as músicas cantadas pelos tenores e sopranos, bem como as músicas orquestradas são estrangeiras. *Como eu queria saber o que eles estão*

*cantando. Acho as músicas lindas, mas não entendo nada!*⁷ Este é um exemplo do que quero discutir. O turista que vem prestigiar a cidade, conhecer novas culturas, praticar o lazer, quer ter um entendimento sobre o que está vivenciando. Acredito que, por estarmos em território brasileiro, não seria propício desenvolver um evento com roupagem nacional, que valorizasse a cultura popular?

Outra preocupação que a Gramado deve ter durante este grandioso evento, que atrai um grande público para a cidade, está fundamentado com a estrutura de atendimento, tanto em recursos humanos, como em capacidade de recepção. O turista vem com a intenção de chegar em uma cidade tranqüila, pacata, de interior, que promove a condição de qualidade de vida e Gramado utiliza este simbolismo na sua divulgação e comunicação. Porém, o turista, ao chegar na cidade, depara-se com outra realidade, principalmente durante o Natal Luz, onde muitas vezes, ele não vivencia a tranqüilidade a paz que idealizava, construída a partir de símbolos e imagens que traduzem em um lugar de descanso e lazer. Contribuindo nesta discussão, a fala de um entrevistado reflete muito bem: Que cidade hein? *Estou a meia-hora preso no trânsito, não consigo nenhum lugar para estacionar o carro, queria assistir o desfile e não consegui. Não sei porque saí de São Paulo para vir “descansar” em Gramado*⁸. São situações que devem ser repensadas e modificadas em nível estrutural para que se possa garantir a continuidade do evento, bem como a imagem de Gramado culturalmente conhecida.

A cultura percebida na cidade de Gramado, durante o Natal Luz, é extremamente plural, uma interlocução entre os turistas e os nativos da cidade, onde percebe-se nitidamente as trocas simbólicas e de valores entre os indivíduos. É o caso percebido pela senhora que estava encasacada na fila do pipoqueiro, enquanto outras pessoas não estavam com frio. A admiração pela decoração da cidade, o congestionamento de *flashes* fotográficos nos espaços dos *shows*, cada qual querendo registrar alguma imagem, cuja expressão visual e simbólica do natal, da região, do lazer consumido pelo turista, e que muitas vezes, a população da cidade nem consegue apreciar estes eventos devido ao intenso trabalho nestes dias. Este fato é contrário a intenção inicial de realizar o Natal Luz, que tinha como foco

⁷ Para garantir a integridade do informante, prefiro não divulgar a sua identidade.

⁸ Para garantir a integridade do informante, prefiro não divulgar a sua identidade.

desenvolver um espetáculo para a comunidade gramadense, com vistas a celebrar o natal, ao nascimento de Cristo e ser um evento no calendário religioso da cidade, onde a comunidade estaria presente, na sua maioria.

Este evento, na medida em que se associam inextrincavelmente ao turismo, podem estar apontando para uma transformação fundamental da representação social do sentido do natal. Ou seja, sentidos, vivências e rituais, que no universo tradicional se expressam através do culto religioso simbolizado pelo natal, no contexto moderno e secularizado desses pólos de atração de pessoas, assumem uma forma de expressão. Assim, ao invés de tomar o turismo como um universo exterior ao campo religioso, que estaria introduzindo aí elementos estranhos ou deturpando um sentido original do natal, pode-se buscar a compreender a sua emergência neste campo como uma expressão moderna de “natal” que estaria exigindo, ela mesma, a inclusão de elementos profanos, provenientes do mundo do turismo.

Outra análise possível de ser feita é de que o turista que vai para o Natal Luz está em busca de ser um espectador externo e não parte do cenário, do evento, da cultura. O que se torna possível na medida em que esta forma de turismo acontece num contexto moderno, onde os sentidos e valores referidos a um sistema religioso tradicional se tornaram particularmente vulneráveis pela ação da lógica econômica que preside os empreendimentos turísticos.

Pode-se concluir desta forma que a turismo de lazer cultural aponta para as transformações que vêm ocorrendo na própria vivência moderna do religioso que, ao incorporar o turismo como mediação do sagrado, acaba absorvendo elementos mercadológicos e de consumo a ele associados. Cria-se, assim, uma linguagem religiosa que precisa do turismo, e de tudo que ele implica, para produzir significados e sentimentos espirituais. De modo que, eliminar o turismo do evento de Natal de Gramado, em certo sentido, é eliminar o próprio espírito do Natal. Este paradoxo fundamentalmente vivenciado corrobora com o que Agier (2001, p. 22) identifica: “a identidade de um momento será, talvez, mais tarde esquecida, quando outros contextos e outras relações prevalecerão, mas a cultura do lugar onde isso ocorre atualmente, esta, terá sido transformada, trabalhada profundamente”. Logo, como será Gramado, daqui alguns anos? A sua identidade cultural permanecerá?

Uma reflexão pode ser investigada a partir de como se pensar as relações entre a globalização e a criação localizada de culturas, cujo hibridismo cultural presente nas sociedades contemporâneas e principalmente em um evento, como aqui descrito, conduz a produção de identidades culturais e mecanismos de identificação da cultura devolvida no contexto social o seu caráter de base e precondição das trocas simbólicas, podendo ser aprimorado em estudos futuros.

Referências

- AGIER, Michel. Distúrbios identitários em tempo de globalização. **Mana**, v. 7, n. 2, p. 7-33, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**; crítica social do julgamento. (Trad. Daniela Kern e Guilherme Teixeira). São Paulo/Porto Alegre: EDUSP/Zouk, 2007.
- DE AZAMBUJA, Vanessa Acosta; MECCA, Marlei Salete. Os componentes da identidade de marca de Gramado/Brasil que geram sua imagem de “destino turístico modelo” e os relacionamentos da marca com os stakeholders internos. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 11, n. 1, p. 1-18, 2017.
- DE MASI, Domenico. **O Ócio Criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e Cultura Popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- DUMONT, Louis. **Homo Hierarchicus**: o sistema de castas e suas implicações. São Paulo: EDUSP, 1992.
- DUPAS, Gilberto. **Economia Global e Exclusão Social**: pobreza, emprego, estado e o futuro do capitalismo. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- GEVEHR, Daniel Luciano; VIDAL, Roger Pierre; NANDI, Aline. Natal Luz de Gramado: um patrimônio cultural da comunidade promovendo desenvolvimento regional na Serra Gaúcha. **Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional**, v. 2, n. 1, p. 197-221, 2014.
- GODELIER, Maurice. Hierarquias nas sociedades primitivas e antropologia econômica. *In*. AGUIAR, Neuma (Org). **Hierarquia em Classes**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974, p. 77-94.
- LÜBECK, Rafael Mendes *et al.* Análisis de los aspectos hedonista y utilitarista como predictores de la recomendación y recompra de “Natal Luz”. **Revista Brasileira de**

Pesquisa em Turismo, v. 10, n. 2, p. 330-350, 2016.

MARTINS, Paulo Edi Rivero. Turismo cultura: roteiros arquitetônicos como patrimônio cultural. **Revista da EDSM**. Porto Alegre. v. 4, n. 7, p. 73-89, 2018.

SAHLINS, Marshall. O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte I). **Mana**, v. 3, n. 1, p. 41-73, 1997.

SAHLINS, Marshall. **Cultura na Prática**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2004.

SILVA, Rodrigo Manoel Dias da. Educação, cidadania e agenciamentos formativos nas políticas culturais brasileiras. **Educação & Sociedade**, v. 35, n. 127, p. 397-415, 2014.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1994.